

## **Rir e fazer rir – Alguns apontamentos teóricos**

**Francisco Secundo Silva Neto \***

### **Resumo**

Não há uma explicação única e, muito menos, uma que seja mais aceita do que outra sobre o porquê do riso e do humor no ser humano. Rir e fazer rir são fenômenos de natureza plural, o que ajuda a entender a multiplicidade de estudos relativos a essas temáticas. Neste artigo proponho apontar algumas teorias sobre o riso e o humor e procuro enfatizar que tais fenômenos são fortemente condicionados pela cultura de cada grupo e organização social.

**Palavras-chave:** Riso; humor; teorias; cultura.

### **Abstract**

There is not just one explanation about why the human being laughs and how he deals with this ability to the humor. Laughing is a natural plural phenomenon with many different points of view and studies about it. In this article I mention some theories and emphasize that laughter and humor depend on the cultural circumstance of every single social group and society.

**Key words:** laughter; humour; theories; culture.



\* **FRANCISCO SECUNDO SILVA NETO** é Bacharel em Ciências Sociais (UECE), Mestre em Sociologia (UFC) e integrante do LABGRAÇA – Laboratório de Estudos do Humor e do Riso ligado ao curso de Comunicação Social da UNIFOR.

*Favela não é hotel  
vida não é novela,  
qual é a graça desgraça  
que há no riso do banguela*  
Trecho da canção *Banguela* de Zeca  
Baleiro, cantor e compositor



LabGraça - <http://labgraca.blogspot.com>

O que faz rir? Do quê se ri? Do infortúnio do outro e do nosso? Afinal, o que é o riso? O termo vem do latim *risus* e a Gelotologia – ciência que estuda o riso nos seus aspectos fisiológicos e psicológicos – o compreende como uma expressão sonora que provoca uma contração involuntária dos músculos faciais e tem a finalidade de comunicar algum sentimento humano. A Etologia – uma ramificação da Zoologia que estuda o comportamento animal de uma perspectiva evolutiva –, por sua vez, aponta que o riso, nos primeiros homínídeos, começava a partir de uma exibição agressiva dos dentes. Aristóteles (384 - 322 a.C.), o filósofo grego, em uma de suas obras intitulada *Das Partes dos Animais*, já vaticinava: “o homem é o único animal que ri”.

A palavra humor, também de origem latina, *humor* ou *humore*, significava líquido ou substância orgânica líquida. De acordo com a “teoria dos humores”<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> A antiga Teoria Humoral Hipocrática ou a Teoria dos Quatro Humores dizia, de modo geral, que uma vida saudável seria mantida pelo equilíbrio entre quatro humores: sangue, fleuma,

desenvolvida pelo médico grego Hipócrates (460 - 377 a.C.), determinado “temperamento sangüíneo” provocaria o riso, e este seria estimulado na relação entre o baço e o diafragma.

Há um romance anônimo do início do século I d.C., intitulado *Romance de Hipócrates*, composto de cartas, possivelmente apócrifas, que seriam do dito médico grego, no qual (diz uma das cartas) este vai a Abdera – antiga cidade grega na costa da região da Trácia, no leste europeu – para examinar o filósofo Demócrito (460 - 370 a.C.), que, segundo os habitantes do lugar, teria ficado “louco”, uma vez que ria de tudo. Hipócrates encontra o filósofo sentado debaixo de uma árvore, com um livro na mão e rodeado de pássaros dissecados; Demócrito explicou que estava tentando encontrar a localização anatômica da bilis negra, pois o desequilíbrio deste *fluido corpóreo (humor)* em relação aos outros provocaria a melancolia e a loucura; e enquanto não conseguia encontrar uma cura para tais enfermidades, ria sem cessar como um remédio para não ficar louco ou melancólico. Mas, para os habitantes de Abdera, ao contrário, o riso excessivo de Demócrito era sinal de sua demência (MINOIS, 2003; ROUANET, 2007).

O humor no sentido de “disposição ou estado de espírito”, segundo Urbano Zilles (2003), surge na Inglaterra, por

---

bilis amarela e bilis negra, procedentes, respectivamente, do coração, cérebro, fígado e baço. Cada um destes humores teria diferentes qualidades: o sangue seria quente e úmido; a fleuma, fria e úmida; a bilis amarela, quente e seca; e a bilis negra, fria e seca. Segundo o predomínio natural de um destes humores na constituição dos indivíduos, haveria quatro tipos fisiológicos: o sanguíneo, o fleumático, o bilioso ou colérico e o melancólico. Cf. em: [http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_dos\\_Humores](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_Humores). Acesso em 10/07/2010.

volta do século XVI, com a palavra *humour*. Para esse autor, a Inglaterra é considerada a pátria do humor “porque os ingleses cultivam o jogo do permanente equilíbrio entre excentricidade e bom senso, compromisso e revolta, sorriso e amargura” (ZILLES, 2003, p. 84). Tal *english humour* é similar ao que, séculos antes e em contextos sócio-históricos diferentes, Aristóteles chamou de *eutrapeloi* (“pessoas alegres” ou de “espírito refinado”) e Cícero (106 - 43 a.C.), filósofo romano, chamou de *urbanitas* (“a serena presença de espírito”).

Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911), escritor e crítico literário, em um artigo sobre Machado de Assis (1839-1908), publicado em 1895 na *Revista Brasileira* do Rio de Janeiro, comentava sobre o humor nas obras machadianas e corroborava com uma tese do historiador francês Hippolyte A. Taine (1828-1893), a qual restringia aos anglo-germânicos e às populações nórdicas, “a geografia física e humana do *humour*”. Na interpretação de Araripe Júnior, o humor praticado fora desse ambiente seria “o caminhar inexorável para a loucura” (*apud* MONTENEGRO, 1975).

Este “*humour* inglês” é o “humor refinado”, “equilibrado”, do “dito espirituoso” (provável tradução do francês, *mot d’esprit*), sem grosserias, apesar de explorar, como aponta Zilles (2003), o absurdo e o *nonsense*, e o qual provoca um riso contido, um sorriso – do latim *subrisus*, que significa “riso no interior de si mesmo”, “às escondidas” (MINOIS, 2003). Uma risada solta, desenfreada, escarnecedora e impudica, como a da “praça pública medieval” descrita pelo historiador e lingüista russo Mikhail Bakhtin (1999), em sua obra *Cultura Popular na Idade Média e*

*no Renascimento*, não poderia, assim, ser provocada por esse tipo de humor.

Bakhtin (1999, p. 63), na obra citada, afirma que na Europa medieval o riso “estava relegado para fora de todas as esferas oficiais da ideologia e de todas as formas oficiais, rigorosas, da vida e do comércio humano”. No entanto, de acordo com ele, essa seriedade defendida pela Igreja oficial carregava a necessidade de legalizar, fora dos cultos, dos ritos e cerimoniais canônicos, a alegria, o riso e a burla que deles haviam sido excluídos; segundo Bakhtin, “isso deu origem a formas puramente cômicas, ao lado das formas canônicas”.

Para o referido autor, no medievo europeu, simultânea a uma “cultura oficial”, uma “cultura cômica popular” encontrava nas festividades periódicas um tempo de fecundidade e de superabundância onde o “*baixo*” *material e corporal do corpo humano* era mote para as brincadeiras e para um riso solto e impudico, o qual não podia se exprimir nos cultos oficiais e ordinários. Não havia aí, entretanto, uma intenção de contestação à Igreja e aos seus ritos e símbolos.

Na chamada “festa dos loucos”, que era celebrada periodicamente em algumas partes da Europa, estudantes e clérigos se entregavam à glotonaria e à embriaguez, dentro das igrejas, mas, diz Bakhtin (1999, p. 64), “o riso não era de maneira alguma abstrato, reduzido a uma burla puramente denegridora do rito e da hierarquia religiosa”. Ainda, conforme o autor, aquele riso desregrado, próprio do carnaval, era a “segunda natureza” do homem que ria, seu “*baixo*” *material e corporal*, que não podia se exprimir nos cultos oficiais; era um riso universal, pois atingia tudo e a todos; ali o mundo inteiro parecia

cômico e era percebido e conhecido sob seu aspecto risível.

Segundo indicam Jan Bremmer e Herman Roodenburg (2000), por volta do século XVII, na Inglaterra e em outras partes da Europa se iniciou a separação entre um “humor polido” e um “humor popular”. Esta separação fazia parte de um movimento mais amplo de mudança de atitudes, hábitos e comportamentos que Nobert Elias (1993, 1994) chamou de “processo civilizador”, e o qual pode ser traduzido como um gradual “movimento europeu de autocontrole” (BURKE, 2000). Naquele contexto sócio-histórico, o rir e as maneiras de fazer rir do “populacho” não seriam mais permitidos no meio de pessoas ditas “refinadas” ou “civilizadas”.

O filósofo francês Henri-Louis Bergson, em 1899, publicou a obra *O Riso*. Ele propôs estudar *o riso especialmente provocado pela comicidade* e advertiu que não pretendia “encerrar a invenção cômica numa definição”. Bergson (2001) indica três observações as quais considera fundamentais: 1ª “Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”; 2ª A comicidade “se dirige a inteligência pura”: ela é insensível, indiferente, “o maior inimigo do riso é a emoção” (afeição, piedade); e 3ª “Nosso riso é sempre o riso de um grupo”: o riso é um fenômeno social; ele esconde uma segunda intenção de entendimento com outros ridentes, reais ou imaginários.

A comicidade, segundo Bergson (2001, p.15), “provém de certa rigidez do corpo, do espírito e do caráter que a sociedade gostaria ainda de eliminar para obter de seus membros maior elasticidade e a mais elevada sociabilidade possíveis. A comicidade é a rigidez e o riso é o seu castigo”. Para esse filósofo, “o mecânico ou a rigidez

aplicada sobre a mobilidade da vida” é a fonte da comicidade.

A distração é risível, de acordo com Bergson, pois conota aquilo que foge a “normalidade flexível da vida”. Exemplo: um homem que, correndo, tropeça e cai e os outros riem. Bergson explica tal acontecimento, em linhas gerais, da seguinte maneira: o homem estava distraído, não atentou para o curso que seguia, e mecanicamente seu corpo prosseguiu vindo a cair; por outro lado, se estivesse atento para a “continuidade variada” do caminho que seguia teria se precavido e evitado a queda; ou seja, teria sido “flexível” como a vida exige que todos sejam; como não foi, o riso foi o castigo de sua desatenção. Conforme o filósofo francês, os outros que viram a queda do homem riram da sua rigidez, da sua falta de flexibilidade – “O que há de risível [...] é certa *rigidez mecânica* quando seria de se esperar a maleabilidade e a flexibilidade vívida de uma pessoa” (BERGSON, *op. cit.*, p. 8, grifos do autor).

Sigmund Freud – “o pai da Psicanálise” –, em 1905, publicou *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, no qual demonstrou, em linhas gerais, que o fazer rir também permite entrever os escondidos domínios da mente humana. Nos chistes, assim como nos sonhos, diz Freud (1987), “somos confrontados pelo mesmo processo psíquico”; ou seja, por “processos de condensação” e de “deslocamento” que são os meios de expressão das pulsões represadas no *inconsciente*.

Na referida obra, em um primeiro momento, Freud discute algumas técnicas dos chistes (condensação, duplo sentido, deslocamento, representações transpostas) que dizem respeito à “produção do efeito cômico”. Depois, ele se dedica a compreender os

“propósitos dos chistes” e distingue dois tipos: os inocentes e os tendenciosos. No primeiro caso, “o chiste é um fim em si mesmo, não servindo a um objeto particular” e o “efeito cômico” é encontrado nas próprias técnicas de construção do chiste (FREUD, 1987, p. 50); já os chistes tendenciosos servem a um fim e se classificam em “chiste *hostil* (servindo ao propósito de agressividade, sátira ou defesa) e chiste *obsceno* (servindo ao propósito de desnudamento)” (grifos do autor). Após alguns exemplos demonstrativos (me perdoem o chiste), Freud explica:

Aqui finalmente compreendemos o que é que os chistes executam a serviço de seu propósito. Tornam possível a satisfação de um instinto (seja libidinoso ou hostil) face a um obstáculo. Evitam esse obstáculo e assim extraem prazer de uma fonte que o obstáculo tornara inacessível (FREUD, *op. cit.*, p. 56).

O “obstáculo” ao qual Freud se refere está ligado à “repressão dos impulsos”; impulsos que foram reprimidos, aponta o autor, pela “civilização e a educação de nível mais alto” – “A atividade repressiva da civilização faz com que as possibilidades primárias de fruição, agora repudiadas pela censura, se percam” (FREUD, 1987, p. 57). E é no *inconsciente* que os “impulsos primários” se encontram retidos.

Dessa maneira, os chistes de conteúdo libidinoso ou agressivo servem como um canal de escape para certas forças instintivas que foram inibidas pela “civilização”. Na verdade, quando uma pessoa conta chistes tendenciosos, segundo Freud, ocorre uma economia de “despesa psíquica” e obtém-se prazer. Conforme a concepção freudiana, para erigir e manter uma inibição se despende certa “energia psíquica”; assim, supõe Freud (1987),

*esta produção de prazer corresponde à despesa psíquica que é economizada.*

Em um curto texto intitulado *Humor*, publicado em 1928, Freud retomou o tema e afirmou: o humor não é resignado, mas rebelde. Significa o triunfo do *eu* e do *princípio do prazer* “contra a crueldade das circunstâncias reais” (FREUD, s/d, p. 191). Mais uma vez, Freud defende a idéia de uma “economia psíquica” e indica que o humor proporciona uma poupança no “gasto de sentimento”; para ele, “a essência do humor é poupar afetos” (FREUD, s/d, p. 190). De outro modo, o humor tem algo de liberador, assim como os chistes, mas possui, o que falta nestes, “qualquer coisa de grandeza e elevação”.

*Grosso modo*, o humor seria o triunfo do *eu* sobre o *supereu*, do indivíduo contra a sua sociedade que, eventualmente, o reprime. Oswaldo Moraes (1974) não discorda de Freud e aponta que há, verdadeiramente, uma “função libertária, renovadora, anti-repressiva” do riso e do humor, mas, segundo ele, isso é “apenas um lado da verdade”. Para esse autor, *o rir e o fazer rir* também significam “repressão, conservadorismo e crueldade, às vezes violenta”; ou seja, podem servir para atacar os “desvios de norma” de um grupo ou sociedade. Diz ele: “Os fenômenos cômico-humorísticos são, portanto, *a-éticos*. O cômico é arma que não olha a mão que dispara. É o advogado nem sempre escrupuloso de todas as causas, justas ou injustas. Pode servir a quaisquer senhores” (MORAES, 1974, p. 30, grifos do autor).

Na Europa medieval, têm-se registros de uma prática que era conhecida em alguns lugares como *charivari*, a qual consistia numa espécie de “ritual de humilhação” para os que

desrespeitavam a moral e as normas comunitárias. Tal “ritual” incluía gritos, gargalhadas e, mesmo, lançamento de excrementos na moradia daquele considerado como desviante; em outros casos, fazia-se com que este sofresse castigos públicos como ser jogado na lama ou cavalgar sentado de costas em um asno.

Os motivos para sofrer tal zombaria eram variados, dependendo da moral costumeira de cada lugar e época: moças que se casavam grávidas, mulheres de “vida desregrada”, adúlteras, maridos traídos ou os que apanhavam de suas esposas, enfim, tudo que fosse considerado reprovável pela comunidade. No *charivari* tratava-se, afirma Georges Minois (2003), de “sancionar um desvio” e o agente da sanção era o riso, um “riso zombeteiro, barulhento, agressivo” que servia para corrigir o crime cometido contra a “moral e os bons costumes” do grupo ou da sociedade. Era na verdade um riso coletivo, intolerante e conservador que punia, severamente, aquele que não observava as regras sociais de convivência.

Dessa maneira, se para Freud o humor parece atender a um mecanismo psíquico de libertação do *eu* ou de superação individual contra uma coletividade produtora de repressões; o *charivari* medieval, por exemplo, indica, ao contrário, que ele pode servir ao propósito do coletivo contra o indivíduo; há, aí, uma repressão social ao desviante das normas do grupo ou da sociedade; ou seja, rir pode contribuir também para erigir e manter inibições. O riso e o humor, então, tanto podem ser um recurso psíquico anti-repressivo e, assim, subversivo, como, simultaneamente, meios de repressão social bastante conservadores.

Para Gilles Lipovetsky (2005), o riso e o humor, nas sociedades ocidentais de hoje, teriam sido banalizados. Em *A Era do Vazio*, Lipovetsky acredita que há no mundo contemporâneo uma dissolução entre o sério e o não-sério. Adepto de uma “leitura pós-moderna”, esse autor diz que existe, atualmente, um fenômeno inédito perceptível em todos os níveis da vida diária: *o código humorístico*. Segundo ele, nos meios de comunicação (publicidade, desenhos animados, quadrinhos) e na moda, o tom dominante é cômico; tudo toma uma atmosfera *cool, fun*, descontraída, sem seriedade. Conforme a opinião de Lipovetsky, na contemporaneidade, o humor seria hiperbólico e abundante; haveria, assim, uma *sociedade humorística* onde o riso teve um fim, justamente por ele estar em toda parte. Ele (o riso) *dessubstanciou-se*, seguindo uma “lógica generalizada de inconsistência maior” própria da “pós-modernidade”. E o humor, assim, em excesso, não teria mais graça.

Como pode ser notado até aqui, o riso e o humor são fenômenos humanos por excelência e, sobre eles, não se dispõe de uma explicação unívoca. Jan Bremmer e Herman Roodenburg (2000, p. 16) afirmam que estudos como, por exemplo, os de Bergson e de Freud se empenham “em encontrar uma teoria abrangente para o humor e o riso”; e “uma falha comum a todas essas tentativas é o pressuposto tácito de que existe algo como uma *ontologia do humor*, que o humor e o riso são transculturais e ahistóricos”. Conforme Bremmer e Roodenburg, tanto o riso como o humor são fenômenos determinados pela cultura e é preciso inseri-los em um dado contexto sócio-histórico para se poder entendê-los.

Assim, é correto afirmar: pessoas de culturas diferentes e, também, de

posições sociais diferentes, riem de coisas diversas e por razões variadas. Para o antropólogo Roque de Barros Laraia (2006), “todos os homens riem, mas o fazem de maneira diferente por motivos diversos”, e ele testemunha:

A primeira vez que vimos um índio Kaapor rir foi um motivo de susto. A emissão sonora, profundamente alta, assemelhava-se a imaginários gritos de guerra e a expressão facial em nada se assemelhava com aquilo que estávamos acostumados a ver. Tal fato se explica por que cada cultura tem um determinado padrão para este fim (LARAIA, 2006, p. 69).

Tratar o riso e o humor como fenômenos culturais significa perceber que são particulares as razões pelas quais os indivíduos riem nas diferentes sociedades. No estudo de fenômenos dessa natureza, não se deve buscar explicações acabadas, pois não existem. Os olhares diferenciados (das ciências naturais, da sociologia, da psicologia, da filosofia, da história, etc.), lançados sobre *o rir e o fazer rir*, a exemplo do que ocorre na análise de outras manifestações culturais, não se pretendem (cada um em si) absolutos, nos seus resultados. Ao contrário, podem ser complementares as diferentes interpretações formuladas.

Pode-se argumentar, contudo, que há certa constância nos motivos para se rir, mesmo sob a diversidade cultural. É plausível dizer que, em todos os tempos e lugares, o inusitado, o “anormal”, o esquisito, o feio, tudo o que pode chocar ou surpreender, enfim, tudo aquilo que possa quebrar algum ritmo corriqueiro da vida pode se constituir como mote para despertar o riso. Mas, tudo isso vai depender de certos parâmetros de percepção que apenas a cultura de cada grupo ou sociedade pode dar; ou seja, o que é inusitado ou feio, por exemplo,

vai depender da maneira como se vê o que não é inusitado e o que não é feio em um dado contexto social e histórico, sabendo-se, também neste caso, que os critérios de definição de tais conceitos não são absolutos. E, mais ainda, vai depender de eventuais associações que, em cada situação ou cenário, possam ser feitas.

Por fim, é possível dizer, o riso e o humor são inerentes ao ser humano, e fortemente condicionados pela cultura. A diversidade de explicações sobre o que faz o ser humano rir parece refletir, justamente, a diversidade cultural humana, uma vez que este é, seguramente, fenômeno comum a todas as sociedades.

#### Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 4ª ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1999.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comichidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman. Introdução: humor e história In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BURKE, Peter. Fronteiras do cômico nos primórdios da Itália moderna In: BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (Org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador, vol. II – Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador, vol. I – Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Os chistes e sua relação com o inconsciente**. 2 ed. Volume VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora LDTA, 1987.

\_\_\_\_\_. O Humor In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: O Futuro de uma Civilização, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos.** Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, s/d.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 20ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio.** Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MONTENEGRO, Braga. A Ficção de Araripe Júnior In: ARARIPE JR., Tristão de Alencar. **O Cajueiro de Fagundes (Episódio Cearense).** Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno/Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1975.

MORAES, Oswaldo Domingues de. Freud: dos chistes ao cômico, **Revista de Cultura Vozes,** Ano 68, Volume LXVIII, nº 01, jan./fev., 1974.

ROUANET, Sergio Paulo. **Riso e Melancolia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZILLES, Urbano. O significado do humor. **Revista FAMECOS,** Porto Alegre-RS, nº 22, dec. 2009.